

POSSÍVEL TRANSMISSÃO MATERNO-FETAL DO VÍRUS DA ARTRITE ENCEFALITE CAPRINA

ANDRIOLI, A.¹; GOUVEIA, A.M.G.²; PINHEIRO, R.R.¹; YORINORI, E.H.²; SILVA, M.X.²

1- EMBRAPA Caprinos – alice@cnpq.embrapa.br; 2- UFMG - Escola de Veterinária, Departamento de Medicina Veterinária Preventiva

A principal via de transmissão do lentivírus caprino (LVC) ocorre pela ingestão de leite ou colostro contaminado, sendo que o controle desta enfermidade baseia-se, principalmente, na assistência ao parto e na separação das crias logo após o nascimento, evitando que mamem o colostro e tenham qualquer contato com a mãe. No entanto, a possibilidade da transmissão materno fetal, ainda não foi suficientemente estudada, e existem relatos de animais, os quais mesmo separados da mãe logo após o parto e submetidos a todos os protocolos de controle da artrite encefalite caprina (CAE), foram posteriormente identificados como sendo portadores do LVC. Com o objetivo de avaliar a presença do LVC no ambiente uterino, foram lavados o útero de dez cabras da raça Saanen, naturalmente portadoras do LVC, com solução de solução tampão fosfato (PBS), por via transcervical, sendo este material submetido à técnica de Reação em Cadeia da Polimerase Nested (PCR - Nested) e ao isolamento viral em cultura de células primárias de membrana sinovial de caprinos. Detectamos a presença do LVC em amostras de fluido uterino, sendo identificado pela técnica de PCR – Nested a presença do vírus em 87,5% das amostras, enquanto que no isolamento viral 37,5% das amostras apresentaram efeito citopático, ou seja a ocorrência de sincício, característico do LVC. Este, possivelmente, é um dos primeiros registros da detecção do LVC em fluido uterino e sugere que a transmissão materno fetal pode ocorrer, ou seja, matrizes portadoras do vírus podem contaminar suas crias durante a prenhez ou no peri-parto. Além disto, há probabilidade de contaminação de outros animais no momento do parto com as secreções uterinas, caso estas fêmeas não estejam adequadamente isoladas das demais do rebanho. Assim, a separação das crias logo após o parto ou mesmo a realização de cesariana e o uso dos métodos de controle através do leite e colostro, embora reduzem a disseminação do LVC podem não ser 100,0% efetivos, o que explicaria a persistência do vírus nos rebanhos com o aparecimento de casos de animais soropositivos em plantéis, onde são seguidos rigorosos programas de controle da CAE. Desta forma, a presença do LVC no ambiente uterino tem grande implicação nos programas de controle da CAE e para que tenha êxito a erradicação do LVC, num rebanho ou região, deve-se considerar, além do longo período de latência do vírus, a possibilidade de transmissão também pela via materno fetal. A técnica de PCR Nested além de ser mais rápida e prática em relação ao isolamento viral demonstrou ter maior sensibilidade. Desta forma, ressalta-se a importância da aplicação de testes de diagnóstico sensíveis e específicos, como a PCR, nos rebanhos em que a enfermidade está controlada, mas que ainda se observam casos esporádicos de animais portadores do vírus.